

O Método Fônico 2

Luiz Carlos Cagliari
UNESP – FCLAR / CNPq - 2008

Este texto acompanha os eslaides do texto “O Método Fônico”

Histórico:

Os métodos mais antigos (Antigüidade) de alfabetização eram feitos a partir da cópia. A leitura durante a escrita associava letras a sons e identificava palavras. Não era um método fônico, porque a leitura era feita no dialeto do leitor e não através de um princípio fonético. [[ESLAIDES 2, 3, 4, 5, 6, 7](#)]

Com as cartilhas (séc. XV – XVI), a alfabetização era feita através de um processo de desmontagem (da palavra chave) e montagem (novas palavras). Cada sílaba era entendida como uma unidade gráfica e não sonora. A leitura gerava uma pronúncia no dialeto do leitor. A escrita simplesmente buscava a forma ortográfica. [[ESLAIDES 8, 9, 10](#)]

Os ortógrafos costumam se guiar por dois princípios: 1) o princípio sônico, aceitando que cada letra remete a um som determinado, o qual por sua vez remete à letra a ele associada; 2) o princípio etimológico, mantendo a grafia das palavras sem mudar, apesar das transformações dialetais, e restaurando formas que lembrem a grafia na língua de onde se originaram. O primeiro permite um método fônico de alfabetização; o segundo, não.

Na história da Língua Portuguesa, encontramos sempre as duas tendências ortográficas. Em certos momentos, predomina uma ou outra. Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540) viam a ortografia como uma espécie de método fônico, o primeiro a partir do alfabeto e o segundo a partir das tabelas de sílabas. João de Moraes Madureira Feijó (1734) incentivava o uso etimológico na grafia das palavras. O princípio etimológico predominou, exagerou, errou e no final do século XIX levou os lingüistas a fazer uma reforma, aplicando o princípio sônico (Gonçalves Viana, 1911).

A história da alfabetização em Língua Portuguesa sempre teve o método fônico como o procedimento básico inicial, as sílabas como unidades gráficas e sonoras e a palavra como a unidade fundamental da língua. Só muito recentemente (a partir dos anos 80 do séc. XX), a alfabetização conheceu um processo de alfabetização que deixou de lado completamente o método fônico: é o método construtivista. Este método baseia-se na "cópia mental", ou seja, o aluno escreve de acordo com as idéias que tem a respeito de como se pode escrever uma palavra.

Na história da alfabetização, os estudiosos propuseram ou constataram outros tipos de método, com muitos nomes diferentes: método montessori, global, analítico, sintético, da abelhinha, ABC, de Paulo Freire, das diferentes cartilhas: Cartilha do Povo, Sodré, Caminho Suave, Pipoca, Maternal, etc. Fora do construtivismo, todos os métodos anteriores tratavam a relação entre letras e sons através de uma metodologia fônica. A ortografia era um resultado de obtenção não muito garantida, não um elemento a ser aprendido através de regras de como funciona a escrita e a fala. Por sua vez, o método construtivista acha que quando o aprendiz atinge o nível alfabético, a ortografia aparece inevitavelmente com o tempo, embora não possa garantir um bom resultado. Quando professor construtivista não usa nenhum procedimento de natureza sônica, a decifração

da escrita torna-se impossível e a alfabetização segue através do método confuso na mente dos aprendizes. [ESLAIDES de 11 a 22]

Um outro olhar sobre o processo de alfabetização [ESLAIDE 23]

Somente a proposta metodológica da obra "Alfabetizando sem o BaBeBiBoBu" sugere um processo de alfabetização baseado em três princípios: 1) princípio acrofônico; 2) princípio de categorização gráfica; 3) princípio de categorização funcional. Nessa obra, a ortografia domina as relações entre letras e sons e vice-versa. O princípio fonético é dependente dos princípios que definem o sistema de escrita, sendo o mais importante o princípio ortográfico, que neutraliza a variação da fala e permite a leitura no dialeto do falante ou em qualquer outro.

Não é possível alfabetizar sem um conhecimento adequado da natureza, funções e usos dos sistemas de escrita e de como a linguagem oral funciona na fala e na leitura.

Os sistemas de escrita podem ser ideográficos ou fonográficos. Os sistemas ideográficos não admitem um método fônico. Não há como associar 25 com uma pronúncia determinada (no caso, nem com uma língua determinada). Os sistemas fonográficos permitem uma relação direta entre letras e sons determinados. A transcrição fonética é um método fônico, porque não usa a ortografia.

O alfabeto gera através do princípio acrofônico um sistema fônico de decifração e de escrita, mas não gera a ortografia, nem permite outro tipo de leitura que não seja o resultado dos sons atribuídos às letras. [ESLAIDE 24] É por essa razão que alguns professores (e usuários) costumam inventar uma pronúncia para esclarecer quais letras aparecem na escrita, por exemplo, dizendo BALDE com L, D e com E e não com U, com DJ e com I.

A ortografia torna os sistemas fonográficos em sistemas quase ideográficos. Assim VINTE pode representar a pronúncia de todos os falantes de português, de todos os dialetos: vinti, vintxi, vinte, vinth, vintx... Portanto, a ortografia não permite um método fônico.

A ortografia minimizou a força do princípio alfabético na alfabetização. O princípio alfabético reconhece apenas um som para cada letra e vice-versa, achando que há uma leitura ortográfica e uma ortografia fônica. Duas inverdades.

Uma prática diferente

Apesar da chiadeira geral de teóricos, o processo de alfabetização não pode prescindir de procedimentos tirados do método fônico, assim como não pode ficar apenas no método fônico. O alfabetizando precisa saber associar sons a letras e letras a sons, senão não aprende a ler. Somente com atos de fé "aqui está escrito pato e não cachorro", não é possível aprender a ler. Decifrar tem regras e essas regras não são as do princípio alfabético. Portanto, o caráter fônico da decifração está em outro lugar.

É na ortografia que a relação entre sons e letras está. A primeira consequência que se tira disto é que as relações entre letras e sons não é simétrica à relação entre sons e letras. [ESLAIDE 25] Lendo no início de palavras, toda letra X tem o som de chê: XAROPE, XÍCARA. Se encontrar uma palavra desconhecida, o X também terá o som de chê, como em XURREIRA (buraco por onde passa a enxurrada). Porém, partindo da

fala, o som de chê no começo de palavras pode ser representado por X ou por CH: XAROPE, CHUPETA.

[ESLAIDE 26] Quando se leva em conta a variação de pronúncia própria dos dialetos, a questão fica mais complicada: Escrevemos PAZ e dizemos pais ou paich. Falamos baila mas não escrevemos BALA. Falamos fizeru, mas escrevemos FIZERAM. Escrevemos TAM e não falamos tu (nem tão). Portanto, a ortografia criou um outro tipo de relação entre sons e letras. Com isso, a ortografia neutralizou a variação de pronúncias na escrita e criou o princípio de escrita segundo o qual cada falante lê o que está escrito em seu próprio dialeto (ou em qualquer outro que quiser). Assim lemos Camões, Saramago, José de Alencar, Vinícius de Moraes, Érico Veríssimo... etc... em nosso próprio dialeto. Eu leio esses autores no meu dialeto paulista. Mas podia ser em um dialeto caipira, em um dialeto estigmatizado socialmente, etc. Todos nós, falantes de quaisquer dialetos nos encontramos democraticamente na ortografia, comum para todos. [ESLAIDE 27, 28, 29] Desse modo, a ortografia facilitou enormemente o processo de decifração e de leitura, mas, por outro lado, trouxe algumas complicação para o usuário passar da observação de sua fala para a forma ortográfica estabelecida. Neste caso, a única saída é saber como se devem grafar as palavras. Não adiante o método fônico, não adiante pensar em como seria (método construtivista) é questão clara e única de memorização. Assim como memorizamos a semântica das palavras, podemos facilmente memorizar a ortografia das palavras. Basta para isto ter um bom método de alfabetização, assim como temos um bom método para aprender a falar.

Como os alunos não podem aprender a ortografia da noite para o dia, o professor alfabetizador precisa permitir, no começo, que os alfabetizandos possam escrever palavras (e até frases e textos), usando dos conhecimentos precários que têm a respeito de como grafar as palavras. As dificuldades variam de aluno para aluno. Para alguns, as dificuldades são, realmente, enormes. Nestes casos, é melhor o aluno fazer mais cópias do que tentar escrever palavras que para ele são, de certo modo, impossíveis. A ajuda individual do professor atendendo à dúvidas também é uma boa estratégia. Todavia, incentivar os alfabetizandos a escrever por iniciativa própria é sempre bom. Os erros de grafia surgem e o professor tem, então, a chance de analisar alguns casos, explicando o que acontece. O simples fato de substituir o errado pelo certo não é uma boa estratégia, porque não desenvolve a reflexão sobre as causas dos erros e os processos de obtenção das formas corretas.

O professor não deve analisar apenas grafias erradas, mostrando o certo, mas deve também analisar grafias corretas para mostrar os limites da variação gráfica que poderia ser usado, caso o sistema permitisse, levando em consideração fatos de analogia, ou seja, de comparação de um caso com outros semelhantes. Desse modo, o professor ensina o aluno a ter dúvidas ortográficas, a refletir sobre elas e a procurar soluções possíveis. [ESLAIDE 30] Por exemplo, o aluno escreve XAPEUZIO (Chapeuzinho). O professor irá discutir o som de chê no início de palavras, mostrando que podemos escrever com X ou com CH (mas não com outra letra!). Uma lista de palavras ajuda o aluno a entender isso (XAROPE, XÍCARA, CHÁ, CHOCOLATE, XÁ, XEQUE, CHEQUE, etc.). O segundo problema da palavra XAPEUZIO tem a ver com a variação dialetal, a pronúncia que o aluno tem para a palavra (na verdade, para a terminação -inho), dizendo nasalizado o -ZIO. Nestes casos de variação, o aluno precisa ir além da relação entre sons e letras, e saber que, embora ele fale -ZIO, deverá escrever -ZINHO. Ao constatar a forma ortográfica, irá perceber também que a ortografia se aproxima mais de um modo de falar (norma culta) do que de seu modo de falar (variação, às vezes, estigmatizada em certas circunstâncias da vida social).

Por iniciativa do professor, ele irá também analisar formas ortográficas para mostrar os limites das possibilidades de variação que o sistema tem. Algumas trocas de letras geram novas palavras, algumas produzem grafias que poderiam existir, mas que não existem porque a ortografia optou uma forma e não por outras possíveis. Finalmente, algumas escritas são absurdas e não chegam a fazer parte das dúvidas ortográficas. [ESLAIDE 31] Por exemplo, partindo de uma palavra como PATO, o professor pode estudar as variações da primeira letra: BATO, MATO, NATO, RATO, FATO, LATO, CATO, GATO, TATO, DATO, CHATO, JATO. Se a primeira letra for tirada, temos ATO, que também é uma palavra da Língua Portuguesa. Porém, não temos palavras como: ÇATO (porque nenhuma palavra começa com Ç); também não temos SATO (?), ZATO, palavras que também não existem. CHATO poderia ser escrito XATO, mas não o é, porque a ortografia optou por CHATO. Aproveitando a mesma palavras, o professor pode mostra que aquelas palavras apresentam um som comum (ATO), que se repete sempre que necessário. Portanto, o aluno não pode escrever qualquer letra para qualquer som. Há regras. Não pode escrever SPOABI, MSOARLEE, porque essas letras não levam a nenhuma leitura das palavras estudadas nem a nenhuma palavra da Língua Portuguesa. O professor pode ir além e mostrar que também não podem faltar letras na escrita. Nem sempre é fácil, partindo da observação da fala, a identificação de certos sons em certos contextos. [ESLAIDE 32] É comum os alunos acharem que vogal mais R é uma vogal apenas, razão pela qual eles escrevem VEMELHO (vermelho), MECADIO (mercadinho), etc. Uma situação induzida pelo Babebibobu é o fato de alguns alunos escreverem BT para bato, LT para lata, BBLT para borboleta, etc. Há, ainda, outros tipos de problemas, mas não serão apresentados aqui. As considerações acima mostram que um método fônico encontra dificuldades insuperáveis para explicar as relações entre escrita e fala, letras e sons, como nos casos apresentados. É por causa de fatos como esses que o professor competente, como um profissional bem preparado, precisa ter à sua disposição muitas ferramentas para lidar com diferentes problemas. A educação lida com muitas variáveis, mas os professores precisam estar bem preparados para enfrentar todos os tipos de problemas. O conhecimento das vantagens e limitações dos métodos de ensino e de aprendizagem é imprescindível.

[ESLAIDES de 33 a 39]

Conclusão

O método fônico, associado ao Babebibobu, ou ao alfabeto não explica as relações entre letras e sons, induz a pronúncias artificiais, confunde o que é a ortografia e acaba deixando o aluno (e o professor) na situação desconfortável de ver uma máquina que funciona mal, que produz resultados indesejados, na maioria das vezes. O aluno que segue um método fônico não desenvolve a dúvida ortográfica, não lida com a variação e vive atormentado porque a escrita não reflete exatamente o que ele fala, letra por letra. Por outro lado, o professor, diante dos erros de escrita dos alunos, não sabe o que explicar nem como resolver o problema. É o silêncio da incompetência. Os alunos que descobrirem que precisam decorar a grafia das palavras, irão se sair bem. Os que permanecerem nos procedimentos dos métodos fônicos terão enormes dificuldades para acertar a ortografia, se é que um dia chegarão lá. E para o resto da vida levarão o medo da escrita ortográfica.

[ESLAIDE 40]